

1.

REFLEXÕES EM TORNO DO DESASSOSSEGO

Carlos Henrique dos Santos Pinto (Uff)

Lucia Helena (Uff)

Resumo: Com o objetivo de pensar certas questões presentes na literatura brasileira contemporânea, mais especificamente na obra do escritor gaúcho Amilcar Bettega Barbosa, desenvolveremos uma análise do livro *Os Lados do Círculo* (Bettega, 2004), para isso partiremos de algumas reflexões desenvolvidas por Lucia Helena em *Ficções do Desassossego* (Helena, 2010), no qual a professora desenvolve o conceito presente no título do livro. Acreditamos ser possível detectar a presença de alguns elementos que caracterizam o desassossego no panorama atual da literatura, como a abertura de novos horizontes formais, temáticos, conceituais e éticos. Tanto no Brasil como no mundo a ocorrência de uma ficção em crise tem sido bastante comum e emerge em obras diversas, como na do premiado autor J. M. Coetzee, e Thomas Bernhard. O termo em crise é entendido por nós aqui como algo que reflete a crise do próprio mundo, do homem que compõe esse mundo, do próprio papel do escritor e da ficção no mundo fluido, disperso e cada dia mais inconsistente. Na identificação desse estado de crise do mundo contemporâneo usaremos autores que se debruçam sobre a globalização, como Zigmunt Bauman (1999 e 2000) e Milton Santos (2001). Refletir sobre a crise do mundo por meio de ficções que são elas mesmas construídas com base nessa noção de crise nos parece sintomático, pois não apenas o mundo passa por intensos dilemas mas a própria arte (e a literatura) está em busca de caminhos que a auxiliem a se encaixar nesse mundo. As ficções do desassossego são feitas no e pelo desassossego, eles refletem o homem em crise, seja o homem personagem dessas narrativas, seja o homem-autor, que compõe essas mesmas narrativas.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Amilcar Bettega Barbosa. Ficção, desassossego. J.M.Coetzee e Thomas Bernhard

Introdução

Uma arte que reflita a sociedade na qual está inserida mas sem necessitar, para tanto, de um viés de cunho político (como os famosos romances socialistas) e sim que essa reflexão seja pertinente e construída com bases literárias, isto é, que o texto seja, antes e principalmente texto e não panfleto para

ideias políticas de um governo ou partido, isso é o que nos interessa refletir nos autores elencados por nós. Como salienta Terry Eagleton em *Marxismo e Crítica Literária*:

Portanto, compreender *O rei Lear*, *The Dunciad* ou *Ulisses* significa mais do que interpretar seu simbolismo, estudar sua História Literária e incluir anotações sobre fatos sociológicos relacionados. Significa, antes de tudo, compreender as relações complexas e indiretas entre essas obras e os mundos ideológicos que elas habitam – relações que surgem não apenas em “temas”² e “questões”, mas no estilo, ritmo, na imagem, qualidade e (como veremos adiante) *forma*. (Eagleton, 2011, 20)

Ficções que desestabilizam

Em *O desassossego da ficção*, artigo que abre o livro da professora Lucia Helena, lemos:

Uso a expressão ficções do desassossego, portanto, para designar as narrativas que desenvolvem, desde as três décadas finais do século XX, uma perspectiva crítica (e de crise) em contraponto com os paradigmas fundadores do romance (iluministas e românticos). Essa perspectiva remete à abertura de novos horizontes formais,

temáticos, conceituais e éticos (...) (Helena, 2010,12. Grifo nosso)

Claro está, nas palavras da pesquisadora, como se caracterizam essas obras, seja no aspecto formal ou ético. Podemos afirmar que não é de hoje que temos a presença do desassossego na ficção, entendido este como um desestabilizador, seja no plano da forma seja no do conteúdo, tanto que há no livro de Lucia um capítulo dedicado a essa questão, em que se discute os precursores dessa ideia, incluindo aí Machado de Assis, e outro, em que a autora se debruça sobre *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Mas é possível detectar de modo mais forte a presença desses elementos no panorama atual da literatura. Tanto no Brasil como espalhados pelo mundo a ocorrência de uma ficção em crise (não de crise, que fique claro) tem sido bastante comum e está presente em obras diversas, como na do premiado autor sul-africano J. M. Coetzee. O termo em crise é entendido por nós aqui não como uma crise nas bases estruturais da ficção mas sim como algo que reflete a crise do próprio mundo, do homem que compõe esse mundo, do próprio papel do escritor e da ficção no mundo fluido, disperso e cada dia mais inconsistente. A crise aqui é não um problema mas uma (possível) solução, já que é ela, crise, que possibilita o traço reflexivo, contestador e desestabilizador que nos atrai nessa ideia de desassossego. Nas palavras de Lucia Helena:

Nessa ficção, a forma estética porta em si também uma interferência e um compromisso, que não deixa de lado nem a qualidade da escrita, nutrida pela força da autorreferencialidade da linguagem artística, nem a reflexão crítica e profunda sobre os desacertos do mundo em face da condição humana a que a arte também remete. (Helena, 2007, 04).

Essa afirmação nos mostra o encontro entre os desacertos desse mundo líquido com uma arte que se comenta a si mesma em diversos momentos. Esses desacertos estão presentes com força no conto analisado aqui por nós, já que, no que diz respeito à crise do mundo contemporâneo, temos na referida aventura de Alexandre Costa uma tentativa prática e intelectual de resolver alguns problemas; tanto no texto que ele redige e que se pauta em analisar algumas mazelas do século XX e XXI, como a fome e a miséria principalmente, quanto na sua forma de agir, no seu método de resolver, digamos, os problemas, é possível detectarmos as marcas que caracterizam esse desacerto, marcas essas que refletem ainda uma postura de desapego do homem com seu semelhante, já que Alexandre Costa é um ser solitário, que mora sozinho, que não se relaciona com ninguém mais ao longo da narrativa a não ser com os indigentes que leva para casa e com o médico, Dr. Silvério, que emerge na narrativa como uma figura também pessimista e aparentemente solitária, marcada por um discurso irônico sobre a literatura e a vida. Para situar melhor o leitor quanto ao que é narrado: *A aventura práctico-intelectual do sr. Alexandre Costa* é um conto dividido em duas

partes, em que na primeira temos um texto teórico que se debruça sobre os males do mundo, texto este escrito por um homem chamado Alexandre Costa. Este, por sua vez, além da produção desse artigo com traços acadêmicos:

O que está nas mãos das 350 pessoas mais ricas do planeta é superior à renda anual de 2,5 bilhões de outras pessoas. É fácil ver que o avanço tecnológico (para efeito de exemplificação, ficaremos apenas com os progressos da informática, da indústria farmacêutica e da medicina) alcançado à custa de altos investimentos, mas que, por sua vez, dá grande retorno financeiro (...)
(Barbosa, 2004, 91)

Sai nas noites de Porto Alegre à procura de moradores de rua, a quem leva para sua casa e dá banho, barbeia e corta o cabelo: “O sr. Alexandre Costa pensa já tê-lo visto outras noites (...) abaixasse, já prendendo a respiração porque o mau cheiro é sempre muito forte (...) agarra-o com cuidado pelo braço e o ergue (...)” (Barbosa, 2004, 85). A grande surpresa é que, após esse processo de recolhimento dos moradores de rua e sua higienização, o sr. Alexandre Costa, pacato funcionário do Setor de Expedição de Intimações, no Tribunal de Justiça (e vemos aqui uma perspicaz ironia, pois é justamente o que acredita fazer Alexandre quando vagueia pelas noites frias de Porto Alegre: justiça) os mata e congela sua carne, carne esta com a qual alimentará

outros moradores de rua, num processo que parece cíclico: primeiro mata, depois alimenta e este, agora alimentado com a carne de um igual, será depois alimento de outro, também igual. O lado circular aqui remete ao título do livro de Bettega: *Os Lados Do Círculo* e marca a obra como um todo, já que a mesma está toda estruturada a partir dessa ideia de circularidade, seja em sua divisão (um lado e lado um) seja nas epígrafes, que também remetem a essa ideia ou ainda na complementação de um conto em outro, como se tudo estivesse fechado numa redoma, num círculo. Dessa forma é possível identificarmos a presença do desassossego na ficção produzida por Amílcar Bettega Barbosa. Optamos por esse conto mas são diversas as narrativas do autor que possibilitam uma leitura pelo viés teórico desenvolvido por Lucia Helena, como os contos que abrem e fecham o livro: *O Puzzle (fragmento)* e *O Puzzle (suite et fin)* respectivamente, nos quais personagens se encontram nas noites de Porto Alegre para espalhar objetos os mais diversos na areia à beira do Guaíba. Espécie de intervenção artística feita por não artistas e que se reflete na vida dos personagens, que no dia a dia são trabalhadores tradicionais, como corretor de seguros, empregada doméstica e jornalista mas que à noite, nesses encontros coletivos, reorganizam o mundo e a própria vida a partir dos objetos dispostos na areia do Guaíba, num intrincado jogo de vida e arte, arte e vida. De volta ao conto: Seja no plano da reflexão, em que ele, o sr. Alexandre Costa, disserta academicamente sobre os males do mundo (e aqui teríamos uma quebra de barreiras com narrativas mais tradicionais, já que há dois níveis no conto: o

da escrita denotativa – mas de uma denotação falsa, já que está ali a trabalho do ficcional - e o da escrita conotativa, da ficção em si, do literário) seja no plano estritamente narrativo, que engloba a parte prática da aventura mas também todo o texto, já que o fragmento supostamente acadêmico da parte denotativa é um mero embuste e tudo ali é ficção. Esses níveis se concretizam numa diferença no formato das letras que marcam cada fragmento da narrativa (para o texto teórico do sr. Alexandre Costa temos o itálico e para a parte narrativa o formato de letra padrão). Também o próprio início da narrativa, em que temos uma palavra pela metade (*tória*) mas que pelo contexto depreendemos facilmente se tratar de História, da História mesmo, com H maiúsculo e que trata das disparidades e mazelas aludidas acima e analisadas por Alexandre Costa.

A presença do artístico (narrativo) e do científico (analítico) nos leva a perceber que a própria ficção está em crise, busca novos modos de se construir, mostra um traço reflexivo por parte de seus autores, foge, ou busca fugir, de um lugar comum ficcional, que apenas narre, que seja só narração e não mais que isso. E o próprio Alexandre Costa se pergunta sobre a possibilidade de vir a publicar seus escritos (Barbosa, 2004, 94). Como em Amílcar Bettega a mescla de níveis narrativos está presente em outros nomes da atual literatura. Um deles, já citado por nós, é J. M. Coetzee. Em *Diário de Um Ano Ruim* há um procedimento bastante parecido com o usado

aqui por Bettega e que vai além, pois no autor sul-africano são três os planos da narração: o científico, que também reflete sobre os desacertos do mundo contemporâneo, feitos por um escritor a pedido de um editor alemão e dois narrativos: um do próprio escritor, em forma de diário e outro, também semelhante a um diário, de uma jovem filipina, vizinha do escritor e que o ajudará na digitação do primeiro texto, o científico.

É quando mescla essas linhas textuais, literária e teórica, que Coetzee faz de *Diário de Um Ano Ruim* uma narrativa extremamente rica, num livro múltiplo e tripartido, em que as histórias se complementam. Temos assim um verdadeiro caleidoscópio de vozes e pontos de vista narrativos no romance do autor de *Desonra*. Sua fragmentação no leva a uma unidade muito interessante, já que as partes – que podem ser lidas aleatoriamente – obedecem, ao mesmo tempo, a um caminho de leitura, seja este iniciado pelas opiniões fortes do escritor seja pelo diário dele ou da moça, de todo modo o ponto de chegada é e será o mesmo: um mundo confuso, caótico, em crise, assim como a ficção que o reflete. A linguagem nesse romance se afia, mergulha em si mesma e opera uma autoanálise bastante instigante. Para nos ajudar a ler o conto de Bettega acreditamos que as ideias acerca do termo Globalização de dois teóricos são bastante relevantes, pois munido delas é possível identificar melhor questões do plano político-sócio-econômico do mundo atual. Para o pensador Milton Santos “A

globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. (Santos, 2001, 23). A partir dessa ideia vale muito a pena reler um fragmento inicial do texto teórico do sr. Alexandre Costa:

A concentração de renda, o desemprego crescente, a inexistência de uma estrutura capaz de propiciar a satisfação das necessidades básicas das camadas mais inferiores na escala social são apenas alguns dos aspectos negativos que derivam da opção por um modelo econômico que, a julgar pelo ritmo acelerado do processo de exclusão de fatias cada vez mais numerosas da população mundial, mostra-se pouco responsável até mesmo em relação à manutenção do próprio modelo. O fenômeno comumente tratado por globalização tende a colocar num mesmo mercado (...) (Barbosa, 2004, 83. grifo nosso)

Percebemos como se articulam as palavras de Bettega e Santos com a referida internacionalização do capital proposta pelo geógrafo brasileiro, e que já estava presente em Marx e seu *Manifesto do Partido Comunista*, e também emerge nas palavras do polonês Zigmunt Bauman: “O significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo” (BAUMAN, 1999, 67). Essa indeterminação e falta

de centro nada mais é do que a dispersão mundial desses valores econômicos e são eles que, em sua constante procura por mais lucros, mais ganhos, mais rendas geram a desestabilização do mundo, promovendo com isso mais e mais miséria, desigualdade, guerras e violência. Violência esta que será o cerne da atitude do sr. Alexandre Costa, pois quando faz o que faz ele acredita (pelo menos acreditamos que ele acredite nisso) que está resolvendo uma parte dos problemas do mundo globalizado, essa parte suja e feia da miséria presente nas grandes cidades, com seus seres excluídos, sem nome e sem rosto, pessoas invisíveis aos olhos do governo e dos outros passantes, indigentes pela própria natureza absurda de um mundo esvaziado de amor, respeito ou o mínimo de consideração pelo outro, o excluído, o que está fora, que não gera nem produz lucro. Na parte final do conto o narrador conclui pelo sr. Alexandre Costa, no faz “ver” pelos seus olhos: “De alguma forma sente-se contente (...) é a primeira vez que não vê ninguém sofrendo de frio ou fome na madrugada. Ele até reconhece que seu trabalho tem ajudado (...)” (Barbosa, 2004, 96). Ou seja, por mais desumano que seja a atitude praticada Alexandre Costa acredita que o faz pelo bem, seja do miserável que deixará de sofrer seja pelo mundo, livre do que não lhe serve mais. Como analisar essa postura por um viés ético? É certo, errado, válido ou não?

Conclusão

Num mundo repleto de incertezas e caracterizado pelas mesmas encontrar na literatura não um refúgio mas um ponto de encontro é o que nos move a continuar como leitores, como apreciadores, como críticos e deglutidores de literatura, da verdadeira literatura, essa que liberta e prende ao mesmo tempo e que num processo paradoxal só liberta quando prende, após prender, enredar em suas linhas, em seus muitos e múltiplos caminhos de leitura é que alcançamos a liberdade. Por isso a escolha de um texto instigante e que foge do convencional, seja estrutural ou tematicamente. Mais do que certo e errado interessou-nos refletir sobre a inserção do sr. Alexandre Costa no mundo. Sua postura nos ajuda a identificar a perda de laços, a falta de sentimentos e outras marcas desse homem do século XXI, perdido nas cidades em meio a sua própria solidão. Alexandre Costa é um exemplo do que acontece com nós hoje. A fragilidade dos laços humanos e a extrema valorização do dinheiro joga o ser humano numa estrada de mão única em que a miserabilidade do outro não nos importa muito e, se importar, como importa para Alexandre Costa, essa importância vem despida de valores éticos ou morais. Por isso ele mata, por isso ele se sente feliz ao perceber que há menos mendigos nas ruas de Porto Alegre mas ele mata sem remorso, sem piedade, sem contestar sequer o valor da vida. Essas são questões presentes no mundo globalizado que nos envolve e por isso acreditamos que a literatura que se proponha a pensar, a refletir e indagar sobre essas questões seja uma literatura de choque, que não se preocupa com vendas apenas, com prêmios mas sim e principalmente em ser literatura e por ser antes e

acima de tudo literatura é que nos debruçamos sobre ela, não em busca de respostas, de remédios para as doenças do mundo mas sim para encontrar novos modos de olhar e ver o mundo em que vivemos a partir dessa literatura que desassossega.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Amilcar Bettgea. *Os Lados do Círculo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

COETZEE, J. M. *Diário de Um Ano Ruim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e Crítica Literária*. São Paulo: Unesp, 2011.

HELENA, Lucia. *Ficções do Desassossego*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001.